

## FACTOS MARCANTES AO LONGO DA HISTÓRIA DA CONTABILIDADE

**Fátima Araújo**

Professora da Universidade Lusíada Norte

Membro da Ordem dos Contabilistas Certificados (OCC)

Membro associado da Comissão da História da Contabilidade da OCC

Doutorada em Ciências Económicas e Empresariais pelo departamento de Economia Financeira e Contabilidade, da Universidade de Santiago de Compostela, Espanha

**Área temática:** E) História da Contabilidade.

**Palavras-chave:** Conta, registo, técnica, método, ciência.

# FACTOS MARCANTES AO LONGO DA HISTÓRIA DA CONTABILIDADE

## Resumo

Este trabalho é uma viagem pelo mundo da história da Contabilidade, numa perspetiva lírica apoiada em textos científicos cujas referências se encontram em notas de fim. Através da bibliografia consultada, são apresentados, desde os tempos mais recuados até à atualidade, materiais, técnicas e métodos que marcaram a Contabilidade.

## **Introdução**

Esta perquirição, aqui apresentada em verso, expõe estudos sobre factos marcantes no que concerne a instrumentos, registos, técnicas, métodos e a natureza da disciplina no domínio da Contabilidade.

A Contabilidade de hoje emerge de adaptações sucessivas ao longo dos tempos, de relações entre o Direito e a Economia, a Gestão, as Finanças, a Fiscalidade, entre outros. Ela resulta de um conjunto de técnicas, de princípios e conceitos criados em diferentes épocas e diferentes contextos. Atualmente, o aparecimento de paradigmas, resultantes da pressão da realidade económica, tem estimulado a criação de novas empresas e o acesso a novos produtos e a novos mercados. Num mundo cada vez mais global, a informação prestada aos *stakeholders* deve ser rápida e comparável, pelo que se tornou imprescindível a harmonização de uma estrutura concetual e a adoção de normas contabilísticas internacionais.

A Contabilidade é um saber dinâmico e é através da história, do estudo do passado que se entende o presente e, como dizia Confúcio “Se queres prever o futuro, estuda o passado”.

## **Ao longo da História da Contabilidade...**

“Contabilidade é uma atividade tão antiga como a própria Humanidade. Efetivamente, desde que o homem é homem, e também muito antes de ele conhecer a escrita, necessitou de fazer contas, registar memórias e deixar referência da sua vida económica e do seu património: bens que recolhia, caçava, elaborava, consumia e possuía; bens que armazenava, bens que emprestava ou alienava; bens que dava à administração, etc.” (Hernandez, 2005:101).

É porque a Contabilidade  
Ensina à gente a cautela  
Que desde a Antiguidade  
O Homem conta com ela.

Há muitos, muitos anos<sup>1</sup>,  
Que tantas civilizações:  
Incas, Assírios, Romanos...  
Fizeram operações.

Os Gregos e os Caldaicos  
Seguiram as mesmas vias,  
Egípcios e Hebraicos,  
Muitas outras etnias.

**Quipos**<sup>2</sup> pelos Incas usados,  
Um cordão horizontal  
Ao qual estavam atados  
Uns fios na vertical.

Tinham cores variadas,  
Ostentavam nós diferentes,  
Atividades marcadas  
E valores correspondentes.

Assírios, **placas de barro**<sup>3</sup>  
Que em urnas eram guardadas,  
Um registo algo bizarro  
De operações realizadas.

Nos **papiros**,<sup>4</sup> os Egípcios  
Fizeram os seus registos,  
Elementos bem propícios  
Até então nunca vistos!

**Efemérides**<sup>5</sup> dos Gregos,  
Que antecedem o Diário,  
Trouxeram maiores sossegos  
E mudaram o cenário.

Entre os Israelitas,  
No **Antigo Testamento**<sup>6</sup>,  
As escritas são descritas  
Como grande documento.

Os Romanos registaram  
As despesas e receitas,  
As contas então ficaram  
Deste modo mais perfeitas.

Um **livro**<sup>7</sup> de subtilezas  
E preciosas colheitas.  
De um lado, as despesas  
E do outro as receitas.

### **Princípio da Unigrafia**

la na escrituração,  
Só um registo havia  
Em cada operação.

Muitos séculos se manteve  
Regra com muito saber  
Que é “Quem recebe deve  
Quem paga tem a haver”.

Foi na Itália que nasceu  
O **sistema contabilístico**  
Que aí se desenvolveu  
E foi bem característico.

Mil trezentos e quarenta,  
Em Génova, os *Massari*  
Com nova ferramenta  
E os *Maestri Razionali*

A mais antiga evidência<sup>8</sup>  
No município surgia.  
Importante ocorrência,  
**Princípio da Digráfia.**

Em Florença e Veneza,  
O comércio então crescia  
E ele deu com certeza  
Ao sistema mais-valia.

Luca Pacioli, o frade,  
Fez o **primeiro tratado**<sup>9</sup>  
No qual, em boa verdade,  
O sistema é explicado.

Foi escrito em Veneza  
Um sistema coerente  
Com perfeita clareza  
Organizado e eficiente.

Princípio fundamental  
Em que a soma dos débitos  
Tem que ser sempre igual  
À soma total dos créditos.

Registos pelo menos dois:  
Um valor a debitar,  
Surgirá enfim depois  
O outro para creditar.

O então **Sistema Clássico**<sup>10</sup>  
Foi durante muitos anos,  
O grande suporte básico  
Das contas dos seres humanos.

O **Sistema Americano**<sup>11</sup>,  
De autor desconhecido,  
Não se sabe em que ano  
É que terá aparecido.

Principais melhoramentos  
Num só livro a reunião  
De todos os lançamentos  
Do Diário e do Razão.

É no século dezanove  
Que o **Centralizador**<sup>12</sup>  
Estabelece e promove  
Sistema organizador.

Na altura consistia  
No registo em Diários  
Que depois se resumia  
Nos arquivos necessários.

Desarnaud de Lézignan  
Foi seu impulsionador.  
Um francês, *on voit bien*,  
Contabilista e professor.

E poucos anos depois  
J. Jaclot na sua obra  
Foi também um dos heróis,  
Deu contributo de sobra.

O Diário e o Razão,  
E também o Balancete,  
A nova escrituração  
Que entra no gabinete.

Depois, no século vinte,  
Surge enfim o **Decalque**<sup>13</sup>.  
Foi esse o passo seguinte  
Para evitar o desfalque.

Bach e Ruf inovaram  
Com químico e prancheta.  
O processo melhoraram,  
Aproximaram a meta.

Na década de quarenta  
Surgem os **primeiros planos**  
Nova maneira se inventa  
Para evitar os enganos.

E ao longo desses anos  
Vem a **normalização**,  
Regras que evitam danos  
Permitem comparação.

Normas e regulamentos  
Possibilitam atingir  
Importantes incrementos  
Garantindo o porvir.

Para relatórios sérios,  
Surgem mudanças enormes.  
Os princípios e critérios  
Todos eles uniformes.

Com a conceção de mapas  
De igual nomenclatura  
Seguindo as mesmas etapas  
E com a mesma estrutura.

Em Portugal, a ação<sup>14</sup>  
Para o **POC**<sup>15</sup> se remete.  
Sua primeira edição,  
Data de setenta e sete.

E com o tempo a passar  
Uma ou outra alteração.  
Em noventa a vigorar  
Uma grande revisão<sup>16</sup>.

Manda a globalização  
Recorrer a diretivas  
Permitindo adaptação  
Às modernas perspectivas.

Trinta anos decorridos  
O paradigma mudou.  
Temas velhos preteridos  
Novo sistema vingou.

Surge então o **SNC**<sup>17</sup>,  
Marco na Contabilidade,  
Nada resta assim se vê  
Que suscite ambiguidade.

Ninguém para a evolução<sup>18</sup>  
Da nossa Contabilidade  
Para encontrar solução  
Garantindo idoneidade.



Contabilidade é arte,  
É técnica ou ciência<sup>19</sup>.  
No seu todo ou em parte  
Vale pela eficiência.

## **CONCLUSÃO**

A Contabilidade permite registrar, informar, comunicar e justificar. A sua origem remonta à pré-história. Diversos autores debruçaram-se sobre o tema, estudando importantes obras acerca da evolução da contabilidade desde a origem até aos nossos dias, fazendo também referência aos diversos materiais utilizados como suporte da técnica contabilística.

Existem numerosos vestígios de Sumérios, Egípcios, Gregos, Romanos e outros povos, entre os donos de terras, comerciantes, administradores de templos, banqueiros e, mais próximo de nós, entre os comerciantes do fim da Idade Média e do Renascimento.

Na Antiguidade, os registos nos quipos, placas de barro, papiros e livros utilizados, eram efetuados em Partidas Simples, isto é, o sistema consistia apenas num registo. A Contabilidade por Partidas Dobradas, cujo princípio fundamental é que “para um débito corresponde um crédito de igual valor” surgiu no fim da Idade Média e com o nascimento do capitalismo comercial pelos mercadores venezianos e genoveses, para superintender os seus representantes e calcular o resultado das suas expedições marítimas.

O mais antigo testemunho conhecido são os livros dos Massari que foram tidos como verdadeiras “Partidas Dobradas”. No domínio contabilístico, Luca Pacioli publicou um tratado onde mostra as bases da Contabilidade por “Partidas Dobradas” de forma coerente e útil, numa abordagem bastante pragmática. A ele se deve a primeira obra impressa de forma coerente e útil. Este método digráfico, também designado por “Método Veneziano”, generalizado no século XV no norte de Itália, foi progressivamente adotado em toda a Europa.

Os grandes princípios estavam lançados. O método contabilístico pouco evoluiu. Apenas as técnicas da organização contabilística mudaram significativamente. O sistema americano, o sistema centralizador e a contabilidade por decalque são

exemplos disso. A invenção da máquina de escrever, permite a mecanização da contabilidade resultante do aperfeiçoamento e desenvolvimento de “máquinas de contabilidade” no início do século passado. Depois, com o aparecimento dos computadores, a contabilidade começou a informatizar-se, utilizando essencialmente ficheiros sequenciais, respeitando a lógica do tratamento manual. O crescente apoio da informática na preparação e apresentação da informação contabilística, juntamente com o aumento de *stakeholders* e a massificação da utilização da internet, levaram a novas formas de divulgação da informação financeira. Paralelamente, a globalização e a crescente proximidade dos mercados financeiros obrigaram a profundas reformas nos diferentes modelos contabilísticos de diferentes países, tornando premente a necessidade da harmonização e normas internacionais capazes de dar resposta às necessidades de um mundo cada vez mais global.

Mas será a Contabilidade uma ciência, uma técnica, arte ou outro tipo de conhecimento? Trata-se de um tema controverso, não havendo ainda consenso entre os estudiosos.

## NOTAS DE FIM

---

<sup>1</sup> “A Contabilidade é arte velha. Conta com milénios de existência. Nas suas formas mais rudimentares já a utilizavam os Incas, os Assírios, os Egípcios e outros povos da mais remota Antiguidade” (Silva, 1959:11).

<sup>2</sup> O quipo era um instrumento utilizado pelos Incas feito de cordões de lã ou de algodão, combinando várias cores para as quais havia uma simbologia para o tipo de bem ou de atividade. Cada cordão poderia ter um ou mais nós que, consoante a sua posição e quantidade, indicavam valores numéricos segundo um sistema decimal. Os pesquisadores Gary Urton e Carrie Brezine utilizaram um sistema informático para determinar a forma como os quipos foram utilizados como documentos contabilísticos. Esta forma de comunicação foi usada para arrolar informações e incluía registos contabilísticos, de finanças, censos e números militares. (Urton e Brezine, 2005; 2007).

<sup>3</sup> “Os escritos contabilísticos das civilizações da Mesopotâmia (Babilónia, Suméria e Assíria) eram gravados em placas de argila e o instrumento utilizado para efetuar as inscrições cuneiformes era um estilete de madeira” (Gonçalves, 2010:37). Segundo este autor, na evolução da escrita contabilística, importa reter duas reflexões apontadas por Sá (1998:31-32): i) “as mesmas já registavam apuramentos de custos, orçamentos, revisões de contas, controlos de gestão de produtividade” e ii) “cerca de 2000 a.C. já se adotava o Razão, produziam-se balanços de qualidade, possuíam-se orçamentos evoluídos de receita e despesa pública e calculavam-se custos”.

---

“As tábuas de barro, depois de secas, eram guardadas em urnas, o que permitiu a sua manutenção até à atualidade” (Lousã, 2000:35).

<sup>4</sup> “Especialmente sobre o período helenístico do Egito chegaram até nós testemunhos preciosos. Os papiros de Zenon, coleção de mais de um milhar de documentos, fornecem evidência sobre o sistema contabilístico desde o século V a.C.” Hain (1966:699) segundo Carqueja (2002).

No antigo Egito, havia a “Casa da Prata da Tesouraria”, que era o departamento central do faraó com um escriba que preparava o registo, em papiro, das entradas de bens, outro verificava as saídas à medida que os recipientes eram esvaziados, enquanto um terceiro comparava os dois registos. (Stone,1969).

<sup>5</sup> Os livros de contabilidade mais utilizados na Grécia eram as Efemérides – uma espécie de livro Diário – e o *Trapezítica Grammata* – que tinha uma função semelhante ao Razão de hoje, onde era descrita a data de entrada e saída, o nome do cliente ou da conta, uma página para o lançamento a débito e outra para o lançamento a crédito (Monteiro, 1965).

<sup>6</sup> Stone (1969) enumera vários testemunhos descritos da Bíblia que comprovam a prática contabilística, entre os quais, a parábola do administrador sagaz, que relata a sua administração fraudulenta, através da alteração dos registos das dívidas dos devedores (Lucas, 16:1-8); outro exemplo quando Job recupera e é feita uma nova inventariação dos seus ativos, depois de ter perdido todo o seu património (Job,42:12).

<sup>7</sup> O *Codex Accepti et Expensi* era um livro onde os Romanos registavam os recebimentos e pagamentos efetuados em dinheiro. “Os principais livros usados na Contabilidade Comercial eram o *Commentarius*, o *Adversaria*, o *Codex Accepti et Expensi*, o *Codex Rationum*, e o *Kalendarium*. Estes eram igualmente utilizados na Contabilidade Pública, embora esta tivesse dois livros exclusivos: o *Breviarium* e o *Rationarium*” (Lira e Marques, 2005: 18).

<sup>8</sup> “Os registos do município de Génova são relativos à gestão dos *Massari* no ano de 1340 e dos *Maestri Razionali* (1340-1357). Surpreendentemente, estes registos são feitos em Partida Dobrada e representam o testemunho mais antigo da aplicação do método. Os *Massari* eram dois e tinham o encargo de se ocuparem das finanças do município enquanto os *Maestri Razionali*, embora em número de dois, tinham a função de controlar o trabalho dos *Massari* e dos seus colaboradores” (Antinori, 2004:10). Refere ainda este autor que no século XIV começaram a surgir contabilidades por Partidas Dobradas simultaneamente em várias regiões de Itália e que os registos do município de Génova de 1340 em Partida Dobrada eram quase certamente precedidos de registos feitos do mesmo modo que nos decénios anteriores. Esses foram, no entanto, destruídos e queimados pelos próprios Genoveses num tumulto contra o doge Simon Boccanegra, na praça San Lorenzo onde foram lançados.

Também Neves descreve, “acreditava-se, até passado recente, que a escrituração por Partidas Dobradas tinha tido o seu surgimento por volta do ano de 1340, nos livros oficiais dos *Massari*, em Génova. Porém, mais recentemente, através do exame de outros livros comerciais, muito se tem discutido a respeito desse tipo de escrituração”, nomeadamente “acerca da exata natureza das características das Partidas Dobradas colocadas por Christopher W. Nobes. Dessa forma, as origens remontam ao século XIV, nos centros comerciais italianos, tais como Veneza, Milão, Florença e Génova. As duplas entradas não apareceram fora de qualquer teoria preestabelecida, mas foram desenvolvidas passo a passo, por um processo de tentativas e erros. Por volta de 1300, os mercadores já usavam contas de despesas e património, e foi necessário muito pouco para aperfeiçoar o sistema, estabelecendo a regra de que nunca se deveria fazer um débito sem que houvesse um crédito correspondente” (Neves, 1990:12-13).

---

<sup>9</sup> Partidas Dobradas por Frei Luca Pacioli no livro “*La Summa da Arithmetica, Geometria, Proportioni et Proportionalità*”, no capítulo XI “*Tractatus de Compustis et Scripturis*”. Foi publicado em Veneza, em 1494 e considerado a primeira obra impressa descrevendo a Contabilidade de maneira coerente e útil (Durand, 1991). “Apresenta de modo muito estruturado o conceito de Partida Dobrada, já conhecido e divulgado no meio comercial e daí, *Deve e Haver*, Balanço, Inventário que depois se difunde por toda a Europa como *Método Veneziano* porque era usado nos mercados de Veneza” (Metrano, 2015:6). Tal como assevera Schmidt (1998:11) “teve a sorte de escrever a sua obra numa época em que a impressão de livros já havia sido introduzida na Itália pelos alemães Corrado Schweinheim e Arnold Pannartz”.

Em Portugal, a Partida Dobrada divulgou-se nos séculos XVI, XVII e XVIII, período em que Portugal teve importância no mundo marítimo e comercial (Ferreira e Regojo, 2000). De acordo com os testemunhos conhecidos, referem os autores (Gomes, 2007; Gonçalves, 2010b; Rodrigues *et al.*, 2010; Carqueja, 2011) que o primeiro livro sobre Partidas Dobradas impresso em português, é do ano de 1758, da autoria de João Baptista Bonavie, sob o título “Mercador exacto nos seus livros de contas, ou método fácil, para qualquer mercador, e outros arrumarem as suas contas com a clareza necessária com seu Diário, pelos princípios das Partidas Dobradas, segundo a determinação de Sua Majestade, Parte I”.

<sup>10</sup> “O primeiro sistema desenvolvido para articular a ligação entre o livro Diário e o livro Razão foi o chamado *Sistema Clássico*, cuja sistemática consistia na escrituração por ordem cronológica do facto patrimonial no livro Diário, para sua posterior transcrição para o livro Razão, em ordem sistemática, das contas movimentadas através dos lançamentos escriturados no primeiro livro contabilístico” (Cosenza e De Rocchi, 2014:9).

<sup>11</sup> O Sistema Americano terá tido origem no final do século XVIII, mas o seu inventor é desconhecido. Poderia ter sido o francês Edmond Degrange, em 1795, muito embora se levante, também, a hipótese deste tê-lo adaptado a partir do sistema simplificado desenvolvido pelo inglês Edward T. Jones. Embora o livro de Jones só tenha sido publicado por volta de 1815, Degrange poderia ter tido conhecimento dos estudos dele, já que o descreve na segunda parte do seu livro. Certo é que na literatura contabilística existem “diferentes referências sobre a paternidade do *Sistema Americano*, cada uma atribuindo a criação desse sistema a autores de nacionalidades distintas. Alguns assinalam terem sido os alemães; outros, que foram os franceses; outros ainda, os ingleses, italianos ou mesmo os norte-americanos. A verdade é que existem tantos pseudoinventores deste sistema e tantas contradições, que impossibilitam apontar concretamente a quem atribuir o mérito desse invento. Da mesma forma como paira a dúvida quanto à autoria do sistema, existe também quanto à sua denominação *Sistema Americano*, já que se supõe que não foi nenhum norte-americano quem o inventou. A resposta para esta indagação é uma incógnita; mas acredita-se, no entanto, que talvez tenha sido o facto deste sistema ter encontrado um campo bem mais fértil para sua aplicação prática nas exigências do comércio dos Estados Unidos da América. Em termos gerais, a grande contribuição apresentada pelo sistema americano foi a de reduzir praticamente em 50% os registos efetuados na contabilidade. Isto ocorria porque, com esse sistema, reunia-se num único livro contabilístico os lançamentos do Diário e do Razão, motivo pelo qual esta metodologia também ficou sendo denominada como *Sistema Diário-Razão*” (Cosenza e De Rocchi, 2014:11-12).

<sup>12</sup> Desarnaud de Lézignan descreve pela primeira vez o Sistema Centralizador na sua obra “*Essai sur la comptabilité commerciale ou tenue de livres à parties doubles rendue facile*”, no ano de 1825.

---

J. Jaclot, em 1828, descreve um novo sistema de escrituração denominado *Diário-Razão-Balancete* no seu livro “*La tenue des livres enseignée en vingt et une leçons et sans maître ou traité complet de la tenue des livres en partie simple et en partie double*”.

<sup>13</sup> “A Contabilidade por Decalque foi idealizada por W. Bach, diretor da Escola de Comércio Banmeister Hintzen, na Alemanha, em 1904. O processo tinha como principal característica efetuar o lançamento original no Diário e, simultaneamente, nas contas singulares. Em 1916, o suíço Alfons Ruf inverteu a ordem dos lançamentos, efetuando o registo original no Razão. Assim, o primeiro método em que se registava sobre o Diário e decalcava no Razão, ficou conhecido como *Método Direto*, ou *Sistema Hinz*, ou ainda *Original-Diário*. O outro, em que se escrevia nas folhas avulsas, decalcando no Diário passou a ser designado como *Método Indireto* ou *Sistema Ruf*, ou ainda *Original-Conta*. O registo contabilístico por decalque, apesar de originalmente também ter sido efetuado manualmente, permitia escriturar de forma simultânea várias peças contabilísticas, através da combinação de formulários e do uso de carbono. Com isso, poupava-se tempo e, ao mesmo tempo, evitavam-se os erros de transcrição de contas e cifras, tão comuns na escrituração manual. Neste sentido, o processo de escrituração por decalque pode ser considerado um grande avanço no campo da escrituração contabilística, já que permitia, em uma única vez, obter Diários Auxiliares e as contas particulares de terceiros, bem como o Diário Geral e o Razão. De referir que a Contabilidade por Decalque não apresentava nenhuma alteração contabilística quanto à metodologia de escrituração” (Cosenza e De Rocchi, 2014:15-16).

<sup>14</sup> “Vários estudos têm referido a forte influência da doutrina francesa na contabilidade. O estudo *Anteprojecto de Plano Geral de Contabilidade*, completado em 1973, sob a supervisão da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, com o objetivo de apresentar propostas para a modernização da contabilidade, identificou como o modelo a seguir, o plano de contabilidade francês de 1957. Mais tarde, em 1975, o processo de normalização foi facilitado pela existência do documento *Normalização Contabilística - I fase*, do Ministério das Finanças. De novo, o Plano Francês de Contabilidade foi utilizado como modelo” (Ferreira e Regojo, 2000:14).

<sup>15</sup> Em Portugal, o Decreto-Lei 47/77, de 7 de fevereiro, aprovou o primeiro POC e “consagrou a adoção do modelo institucional francês para a regulamentação da contabilidade, o qual, anteriormente, tinha sido sugerido pelo grupo de estudo do Ministério das Finanças” (Ferreira e Regojo, 2000:15).

<sup>16</sup> É publicado o revisto Plano Oficial de Contabilidade (POC) satisfazendo os requisitos decorrentes da admissão de Portugal na então CEE. Esta nova versão entrou em vigor em 1 de Janeiro de 1990, através do Decreto-Lei nº 410/89, de 21 de novembro, referindo no seu preâmbulo “A adesão de Portugal às Comunidades Europeias determinou a necessidade de se proceder a alguns ajustamentos em matérias contabilísticas, de acordo com o previsto na Diretiva n.º 78/660/CEE (4.ª Diretiva), que implicam a revisão do Plano Oficial de Contabilidade, aprovado pelo Decreto-Lei 47/77, de 7 de fevereiro, e legislação complementar, aproveitando-se agora a oportunidade para introduzir melhorias que a experiência e a evolução técnica, a nível nacional e internacional, mostraram aconselháveis”.

<sup>17</sup> É aprovado, em Portugal, o SNC pelo Decreto-lei nº 158/2009, de 13 de julho e entrou em vigor a 1 de janeiro de 2010. O preâmbulo desse diploma determina “Tendo desempenhado durante anos um papel fundamental no panorama nacional, o POC tem-se revelado, desde há algum tempo, insuficiente para as entidades com maiores exigências qualitativas de relato financeiro, para além de carecer de revisão técnica no que concerne, nomeadamente, a aspetos conceptuais, critérios de reconhecimento e mensuração, conceito de resultados, bem como em relação aos modelos das demonstrações financeiras individuais e consolidadas.

---

Entende-se, assim, facilmente, que à luz das profundas alterações verificadas nos últimos 25 anos, os princípios contabilísticos geralmente aceites em Portugal, que nos domínios concetual e instrumental transitam de 1977, já não respondem adequadamente às exigências contemporâneas e que, por conseguinte, importa proceder à sua modificação.

Adicionalmente, o acompanhamento da dinâmica de adoção, pela UE, das normas internacionais de contabilidade, tendo em vista a sua absorção no quadro contabilístico nacional, que se pretende atualizado, apela a que se adotem procedimentos normativos suficientemente flexíveis. Assim, a normalização contabilística nacional deverá aproximar-se, tanto quanto possível, dos novos padrões comunitários, por forma a proporcionar ao nosso país o alinhamento com as diretivas e regulamentos em matéria contabilística da UE, sem ignorar, porém, as características e necessidades específicas do tecido empresarial português.

Consequentemente, procede-se à revogação do POC e legislação complementar criando-se o Sistema de Normalização Contabilística (SNC), que vem na linha da modernização contabilística ocorrida na UE (...)."

<sup>18</sup> Alterações recentes, em Portugal, ao Sistema de Normalização Contabilística:

- Aviso n.º 8259/2015, de 29/07- Homologação da Norma Contabilística e de Relato Financeiro para Entidades do Setor não Lucrativo do Sistema de Normalização Contabilística.
- Aviso n.º 8258/2015, de 29/07- Homologação das Normas Interpretativas do Sistema de Normalização Contabilística.
- Aviso n.º 8257/2015, de 29/07- Homologação da Norma Contabilística e de Relato Financeiro para Pequenas Entidades do Sistema de Normalização Contabilística.
- Aviso n.º 8256/2015, de 29/07- Homologação - Normas Contabilísticas e de Relato Financeiro do Sistema de Normalização Contabilística.
- Aviso n.º 8255/2015, de 29/07- Homologação da Norma Contabilística para Microentidades do Sistema de Normalização Contabilística.
- Aviso n.º 8254/2015, de 29/07- Homologação da Estrutura Conceptual do Sistema de Normalização Contabilística.
- Portaria n.º 220/2015, de 24/07- Aprova os modelos de demonstrações financeiras para as diferentes entidades que aplicam o SNC.
- Portaria n.º 218/2015, de 23/07- Aprova o Código de Contas.
- Decreto-Lei n.º 98/2015, de 02/06- Transpõe a Diretiva n.º 2013/34/UE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 26 de junho de 2013, relativa às demonstrações financeiras anuais, às demonstrações financeiras consolidadas e aos relatórios conexos de certas formas de empresas.

<sup>19</sup> Trata-se um tema controverso. Ibáñez (2010) apresenta um rol de autores com opiniões divergentes que consideram a Contabilidade uma ciência, uma técnica, uma arte ou outro tipo de conhecimento. Num dos seus trabalhos, também Schmidt (1998: 15-16) menciona “embora a Contabilidade, mesmo que de forma não sistemática, já exista há mais de 10000 anos, ainda não existe unanimidade sobre a sua natureza. Para alguns, ela classifica-se como arte; para outros, como técnica ou, ainda, como ciência”. Este autor analisou os argumentos a favor e contra estas classificações e escreve “concluindo-se pelo posicionamento da Contabilidade como uma disciplina de natureza científica enquadrando-se como uma ciência factual, social”.

“A Contabilidade é um saber dinâmico, em constante movimento das estruturas internas e do seu relacionamento externo com o seu objeto formal de estudo: a valoração qualitativa e quantitativa da existência e circulação da riqueza ambiental, social e económica controlada pelas organizações. A colocação da Contabilidade no campo do conhecimento deveio em sua qualificação como arte, técnica e tecnologia social, até às mais modernas concepções que fundamentam sua adscrição no campo das ciências” (Mejia-Soto *et al.*, 2013:160).

---

A Contabilidade “é uma ciência social que serve para mediar o conflito distributivo na sociedade (...). A definição proposta é aderente ao próprio percurso histórico da contabilidade, que sempre esteve ao serviço da evolução das sociedades e da própria civilização humana, bem como se projeta para o futuro, pois é nele que se vislumbra um maior aperfeiçoamento da humanidade” (Ludícibus *et al.*, 2011:285).

Segundo Cañibano (1987) “A contabilidade é uma ciência de natureza económica que tem por objeto produzir informação, para possibilitar o conhecimento passado, presente e futuro da realidade económica em termos quantitativos e qualitativos a todos os seus níveis organizativos, mediante a utilização de um método específico apoiado em bases suficientemente testadas, com o fim de facilitar a adopção das decisões financeiras externas e as de planificação e controlo internas”.

## REFERÊNCIAS

ANTINORI, Carlo (2004): “La contabilità pratica prima di Luca Pacioli: origine della partita doppia”, *Revista Española de Historia de la Contabilidad - De Computis*, 1, pp. 4-23.

BONAVIE, João Baptista (1758): *Mercador exacto nos seus livros de contas, ou método fácil, para qualquer mercador, e outros arrumarem as suas contas com a clareza necessária com seu Diário, pelos princípios das Partidas Dobradas, segundo a determinação de Sua Majestade, Parte I*, Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, <<http://purl.pt/21954/1/index.html>>, acessado em 3 de setembro de 2016.

CAÑIBANO CALVO, Leandro: “Contabilidad. Análisis de la realidad económica”, Ed. Pirâmide, Madrid, 1987.

CARQUEJA, Hernâni (2002): “Actividade Contabilística até Luca Pacioli”, *Revista de Contabilidade e Comércio*, Vol. 58(23), pp. 699-752.

CARQUEJA, Hernâni (2011): “*Mercador Exacto*, primeiro livro, impresso em português sobre partidas dobradas”. *Revista Portuguesa de Contabilidade*, 4, pp. 609-644.

COSENZA, José; DE ROCCHI, Carlos (2014): “Evolução da escrituração contábil: desenvolvimento e utilização do sistema ficha tríplice no Brasil”, *Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ*, Rio de Janeiro, Vol. 19(1), pp. 2-23.

DESARNAUD DE LÉSIGNAN (1825): *Essai sur la comptabilité commerciale ou tenue de livres à parties doubles rendue facile*, Vol. 1, Paris, Renard.

DURAND, Romain (1991): “Chronologie comptable commentée (1400-1969)”, *Cahier d'études n° 9101, Centre de Recherche Européen en Finance et Gestion*, Université Paris-Dauphine (Paris IX).

FERREIRA, Leonor Fernandes; REGOJO, Pedro (2000): “A regulamentação contabilística em Portugal”, <<http://www.infocontab.com.pt/download/regulconta.pdf>>, acessado em 5 de setembro de 2016.

GOMES, Delfina (2007): *Accounting Change in Central Government: the Institutionalization of Double Entry Bookkeeping at the Portuguese Royal Treasury (1761-1777)*, Tese de doutoramento em Ciências Empresariais, especialização em Contabilidade, Escola de Economia e Gestão, Universidade do Minho, Braga.

GONÇALVES, Miguel (2010): “Viagem histórica pelo vetusto mundo da Contabilidade”, *Pensar Contábil*, Rio de Janeiro, Vol. 12(47) pp. 35-42.

GONÇALVES, Miguel (2010b): “Bosquejo duma sucinta história da contabilidade em Portugal até a fundação da primeira escola de comércio e contabilidade (1759)”, *Revista Universo Contábil*, Vol. 6(4), pp. 89-103.

HAIN, Hans Peter (1966): “Accounting Control in The Zenon Papyri”, *The Accounting Review*, Vol. 41(4), pp. 699-703.

HERNÁNDEZ ESTEVE, Esteban (2005): “Reflexiones sobre la naturaleza y los orígenes de la contabilidad por partida doble”, *Pecunia*, 1, pp. 93-124.



IBÁÑEZ, Eduardo Alejandro (2010): "El estatus epistemológico de la contabilidad", *Contabilidad y Decisiones*, 2(2), pp.6-14.

IUDICIBUS, Sérgio; RIBEIRO FILHO, José Francisco ; LOPES, Jorge Expedito de Gusmão ; PEDERNEIRAS, Marcelaide Maria Macedo (2011) : "Uma reflexão sobre a Contabilidade: caminhando por trilhas da teoria tradicional e teoria crítica", *Revista de Administração e Contabilidade de Unisinos*, 8(4), pp.274-285.

JACLOT, J. J. (1828): *La tenue des livres enseignée en vingt et une leçons et sans maître ou traité complet de la tenue des livres en partie simple et en partie double*, Poitiers, Imprimerie de Catineau.

LIRA, Miguel; MARQUES, Maria da Conceição (2005): "A evolução da contabilidade na civilização romana", *XIII Congresso AECA*, Oviedo.

LOUSÃ, Aires Fernandes (2000): "Uma viagem pelo mundo da Contabilidade", *Revista Politécnica - ISPGAYA*, 1, pp. 35-36.

MEJIA-SOTO, Eutimio; MORA-ROA, Gustavo; MONTES-SALAZAR, Carlos Alberto (2013) "Adscripción de la contabilidad en la estructura general del conocimiento", *Cuadernos de Contabilidad*, 14 (34): pp.159-187.

METRANO, Martina (2015): "La partita doppia: dagli inizi ai giorni nostri", Università Guido Carli, Dipartimento di Impresa e Management, Cattedra di Contabilità e Bilancio.

MONTEIRO, Martin Noel (1965): *A contabilidade e o seu mundo: manual enciclopédico de cultura e técnica contabilística*, Vol. 1, Lisboa, Portugalíia Editora.

NEVES, Luiz (1990): *Uma contribuição aos sistemas de custeio*, Dissertação de mestrado em administração, Fundação Getúlio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo.

NOBES, Christopher (1982): "The Gallenari Account Book of 1305-1308", *The Accounting Review*, Vol. 57(2), pp. 303-310.

PORTUGAL, Ministério das Finanças (1989): Decreto-lei nº 410/89, de 21 de novembro. Aprova o Plano Oficial de Contabilidade. *Diário da República*, Série I, nº 268, Suplemento.

PORTUGAL, Ministério das Finanças e da Administração Pública (2009): Decreto-lei nº 158/2009, de 13 de julho. Aprova o Sistema de Normalização Contabilística e revoga o Plano Oficial de Contabilidade, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 47/77, de 7 de fevereiro. *Diário da República*, Série I, nº 133.

PORTUGAL, Ministérios do Plano e Coordenação Económica e das Finanças (1977): Decreto-lei nº 47/77, de 7 de fevereiro. Plano Oficial de Contabilidade. *Diário da República*, 2º Suplemento, Série I, nº 31.

RODRIGUES, Lúcia Lima; CRAIG, Russell; GOMES, Delfina Rosa da Rocha (2010): "A intervenção do Estado no ensino comercial: o caso da Aula do Comércio, 1759 (I)", *Revista TOC*, 118, pp.39-48.

SÁ, António Lopes (1998): *História Geral e das Doutrinas da Contabilidade*, 2ª edição, Lisboa: Vislis Editora.

SCHMIDT, Paulo (1998): "A classificação da contabilidade dentre os ramos do conhecimento humano", *Cadernos de Estudos*, 10.17, pp.9-22.

SILVA, Fernando Gonçalves (1959): *Doutrinas contabilísticas: Resumo e críticas das principais*, Centro Gráfico de Famalicão.

STONE, Williard (1969): "Antecedents of the Accounting Profession", *The Accounting Review*, Vol. 44(2), pp. 284-291.

URTON, Gary; BREZINE, Carrie (2005): "Khipu Accounting in Ancient Peru", *Science*, Vol. 309, Department of Anthropology, Harvard University, Cambridge, pp. 1065-1067, <[www.sciencemag.org](http://www.sciencemag.org)>, acedido em 3 de setembro de 2016.

URTON, Gary; BREZINE, Carrie (2007): "Information control in the palace of Puruchuco: an accounting hierarchy in a khipu archive from coastal Peru", em *Variations in the Expression of Inka Power*, [ed.] R. Burger; C. Morris; M. Mar. Washington, DC: Dumbarton Oaks, pp. 357-384.

## SITES

[http://info.portaldasfinancas.gov.pt/pt/apoio\\_contribuinte/NEWS\\_SNC.htm](http://info.portaldasfinancas.gov.pt/pt/apoio_contribuinte/NEWS_SNC.htm), acedido em 31 de novembro de 2016.

<https://dre.pt/>, acedido em 15 de novembro de 2016.